

Exposição: **Retrato**. V.t.d.

Nessa exposição mostrarei uma produção que abrange o período de 2001 até agora, quando vim trabalhando principalmente com fotografia.

Das mídias e técnicas de arte, a fotografia talvez seja a que está mais diluída no dia a dia das pessoas. Praticamente todo mundo tem um acervo pessoal de fotografias que retratam a própria intimidade e história pessoal de cada um. Esses acervos são uma biografia, imagética e íntima, que todos possuem e formam ao longo da vida. Considero esse material como documentação histórica, talvez não a História dos grandes acontecimentos, e sim a das esferas pessoais: uma documentação dos pequenos acontecimentos, relações, pessoas e momentos esquecidos no tempo.

O que determina o ato de sacar uma máquina fotográfica e clicar um acontecimento? Percebo que a grande maioria das fotografias desses acervos pessoais é determinada por um afeto e pela vontade de perpetuar a imagem de um momento afetivo: o pai que fotografa momentos do filho, a foto dos amigos em viagem, os namorados, as fotos de família, os rituais de passagem (batizado, casamento, aniversários...). O que mais me atrai nesses acervos são as ligações afetivas que determinam a produção dessas fotografias, tornando-as imagens que se repetem, como temas arquetípicos, em diferentes acervos. Há uma necessidade de registrar, reter, apreender, guardar para sempre a imagem de um momento, a imagem de um afeto. Sacar uma máquina fotográfica e clicar um acontecimento é produzir, proposital e conscientemente, memória: lembrança.

Para o meu trabalho, comecei então a apropriar-me de fotografias do meu acervo e de acervos emprestados por amigos.

Reproduzo as imagens fotográficas desses acervos criando um negativo ampliado em papel comum, que se torna minha matriz, e sensibilizo o papel fotográfico preto e branco com luz solar. Esse processo de reprodução das imagens tem uma práxis, a meu ver, ligada à gravura (o uso de uma matriz, a obtenção de apenas um tom de cor, a possibilidade de produzir um número infinito de imagens) e tenho sempre a sensação de estar fazendo gravura, ao invés de fotografia. Essencialmente, pode-se considerar a fotografia como uma gravura feita com luz, e o modo como trabalho é uma referência a esse primitivo fotográfico. Optei por usar a luz do sol por esta ser a mãe de todas as luzes: a luz principal do mundo. Esse diálogo entre gravura e fotografia se dá, inclusive, quando sobre a imagem fotográfica imprimo o relevo de gravuras em metal, juntando, no trabalho, um registro físico e tridimensional (o relevo no papel) e um registro bidimensional (a imagem fotográfica).

Outro aspecto que me atrai nessas imagens fotográficas é sua imensa solidão: são registros sem antes e depois, deslocados da história a que fizeram parte. Registram um ponto no tempo e no espaço, mas não sei que tempo é esse e que espaço é esse. Ao olhar uma fotografia, posso intuir seu antes e depois, a que história ela pertence, mas nunca terei qualquer certeza sobre isso. Cada imagem fotográfica, ao mesmo tempo que é fruto da história daquelas pessoas retratadas naquele acontecimento, está completamente órfã dessa história, e não dá conta dela. Como se a fotografia fosse apenas o indício de um acontecimento de vida, de uma narrativa. Ela mostra que aconteceu, mas não conta o que aconteceu. É uma ausência. Fora da esfera pessoal a que pertencem, essas fotografias são lembranças anônimas. Afetos anônimos. E, talvez por isso, consigam ser universais. Ao olhar uma fotografia que não faz parte da minha história pessoal, tenho a sensação que meu olhar a “re-significa”: coloca sobre ela afetos, lembranças que são mais meus que da própria fotografia. Essa narrativa em branco, vazia, sujeita ao olhar de quem observa me interessa e está presente em muitos dos trabalhos dessa exposição.

Nesse ponto, uso o símbolo do livro para remeter a essa narrativa que a fotografia não me dá acesso, e que eu, como observador, crio. Tanto a fotografia (imagem) quanto o livro (palavra) são formas de registro, cada um com sua linguagem, seu tempo, suas especificidades. O livro (e conseqüentemente a escrita) é feito de palavras em cadeia, de antes e depois, acontece linearmente, numa sucessão no tempo. A ele é possível o registro do antes e do depois que a fotografia não abrange. Acho que o livro dá conta da narrativa, pode registrar uma vida inteira: a palavra descreve, conta, detalha, mas não dá acesso a uma imagem (que fica por conta da imaginação). A fotografia mostra a imagem, mas não dá acesso à história (que fica por conta da imaginação). No meu trabalho uno o livro e a fotografia para simbolizar essas duas formas de registro tentando a todo custo reter algo da vida, reter um tempo e um espaço.

Acho que o tema central dessa exposição é a vontade de registrar instantes da vida e retê-los, por palavras ou imagens, para poder lembra-los depois. Fazer da retenção do instante um fetiche, um amuleto, um relicário, uma ponte de volta.

Enquanto nos trabalhos que lidam com livros e fotografias falo sobre esse afã de registro, nos trabalhos com fotografias e superfícies reflexivas falo sobre a impossibilidade de reter momentos: no mesmo trabalho convive o registro (a fotografia ou o fotograma) e a impossibilidade dele (o presente eternamente espelhado nas superfícies reflexivas). Essas superfícies pintadas com tinta automotiva são da cor das fotografias, e refletem as silhuetas do presente nessa mesma cor, como se essa imagem refletida fosse também parte da fotografia, porém em movimento, sem se deixar registrar.

Acho que a idéia principal dessa exposição é divagar sobre a necessidade de perpetuar acontecimentos e instantes a um nível íntimo, e se isso é possível. A fotografia é essa perpetuação? Ou apenas fingimos que nela há alguém?